

Austeridade não é o “único caminho”

Crítica. Carvalho da Silva diz que “trabalho” e “salários” são os focos das medidas mais duras

OCTÁVIO LOUSADA OLIVEIRA

“Este relatório é a prova de que não há apenas um caminho. E é preciso debater os alternativos.” Foi desta forma que Carvalho da Silva começou na Fundação Calouste Gulbenkian a apresentação de “A anatomia da crise”, uma espécie de diagnóstico traçado pelo Observatório sobre Crises e Alternativas, ao atual quadro nacional e euro-

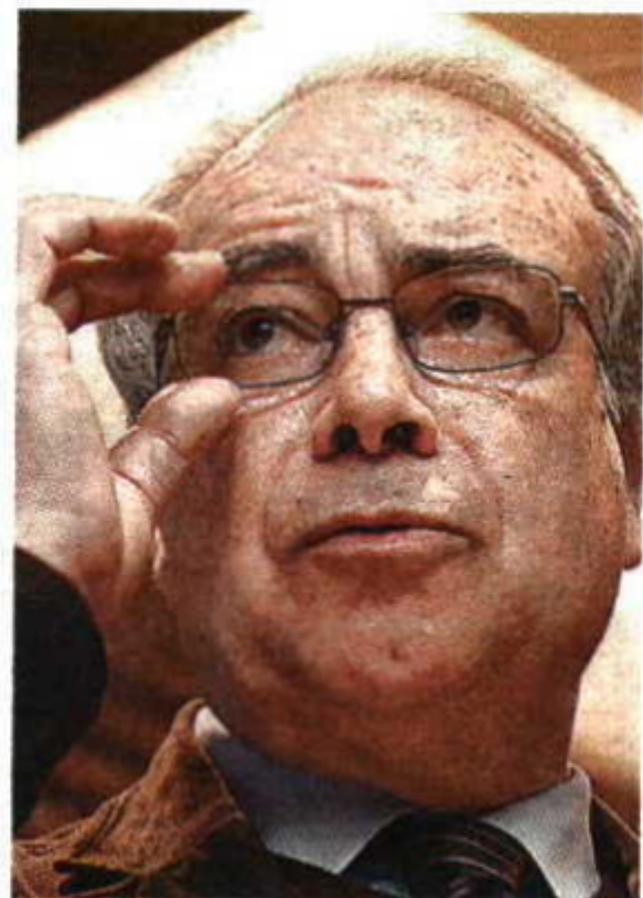
peu. O ex-secretário-geral da CGTP, que coordenou o estudo, vincou que “a afirmação da austeridade é uma forma de economia política”, que deriva de uma “opção” e que tem “no trabalho e nos salários os dois principais focos de medidas” resultantes de “uma matriz neoliberal”. Por isso, referiu: “Não se tratam de medidas técnicas e transitórias, mas de ruturas violentas com as estruturas do Estado e com o exercício do poder político.” O pre-

sidente do Conselho Económico e Social, Silva Peneda, considera que foi “a ganância do sistema financeiro” a estar “no epicentro da crise”, salientando que Portugal precisa de “dez anos e de um compromisso político-partidário” para “garantir a estabilidade das contas públicas e o crescimento económico sustentável”.

Vieira da Silva, ex-ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, observou durante o debate que “es-

tamos perante um processo de destruição económica” e que isso “afeta naturalmente o trabalho e a procura interna”.

Mais duro foi Boaventura de Sousa Santos, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que, “num discurso mal-comportado”, advertiu para a “mediocridade e falência moral dos que nos desgovernam”, sustentando que “a zona euro vai colapsar” se a austeridade prosseguir.



NATACHA CARDOSO/GLOBAL IMAGES

Carvalho da Silva